

15.05.2018 | 23.06.2018  
MIGUEL REFRESCO

**TRACE**

"A photograph is not only an image (as a painting is an image), and interpretation of the real, it is also a trace, something directly stencilled off the real, like a footprint or a death mask".

Susan Sontag

O poder da fotografia está, através da câmara fotográfica, na capacidade de fixar a aparência de um determinado evento. Tal como John Berger refere, ao contrário da memória, a fotografia não preserva em si um significado ou oferece uma narrativa. Se colocarmos de lado a fotografia que pertence à nossa esfera privada, ela transforma-se em objeto morto tornando-se alvo de usos e interpretações arbitrárias. É uma imagem construída por quem a faz, uma interpretação do real, ao mesmo tempo que é evidência da existência de algo ou de alguém.

É assim que deveremos olhar para o trabalho do artista Miguel Refresco. As imagens aqui expostas representam "traços" de territórios, pessoas e objetos. São vestígios, evidências, marcas que o artista captou seguindo interesses e experiências diversos. Há uma ligação à fotografia de rua americana em que as imagens vão surgindo seguindo a intuição e o instinto à medida que o artista vai percorrendo o espaço. É o caminhar sem destino sendo que a câmara é parte integrante e constante do seu dia a dia. Essa espontaneidade e improvisado são contrários à ideia de narrativa, uma ideia que não existe na obra do Miguel Refresco, pois limita-o e retira força às próprias imagens que vai construindo.

O conjunto de imagens aqui expostas pertencem a várias séries que o artista foi agregando no seu trabalho. Relacionam-se com viagens que fez a locais como Itália, Espanha, Croácia, Montenegro, Grécia, seguindo a sua curiosidade e vontade de conhecer o que o rodeia. As imagens caracterizam-se pela plasticidade pictórica numa resistência a qualquer possibilidade narrativa ou comentário social. São escolhas espontâneas num mundo tal qual nos é apresentado e numa linha que atravessa o romantismo e o realismo. Há também uma interação entre o natural e o edificado nas suas imagens, como no caso da que retrata um dos fiordes no Montenegro interrompida por aquilo

MIGUEL REFRESCO  
15.05.2018 | 23.06.2018

que parece ser uma baliza de um campo de futebol. Noutras aparecem elementos descontínuos, heterogéneos, que não pertencem ao mesmo mundo. É o caso da imagem das freiras caminhando junto a paredes grafitadas; esta mesma dualidade que atraía Roland Barthes quando confrontado com as imagens de Koen Wessing. Ou então a imagem do homem de costas como símbolo da experiência romântica da natureza, sozinho nas alturas a olhar em direção ao horizonte para um ponto inatingível. Uma imagem quase sublime não fosse a estranheza da grande tatuagem.

A cor é também parte fundamental no trabalho de Miguel Refresco, assim como a abstração, sobretudo quando fotografa de perto objetos isolados como a lona do camião, o candeeiro do teto, uma simples palmeira, ou até uma coberta. Tratam-se de traços, fragmentos, pequenos detalhes que desligados das características visuais que lembram o referente transformam-se em imagens polissémicas.

Para além do trabalho de fotografia é apresentado um vídeo, da autoria do mesmo artista, em que a narrativa incide no desmontar do quotidiano numa lógica infantil e pueril, em que se fala sobre o protocolo e as convenções; a questão do guardanapo no colo, das tampas de sanita que não se seguram, e até dos cordões que deverão ou não ser apertados. É o divagar sobre o gesto, o vestígio, aquilo que faz ou não sentido. Uma espécie de discussão absurda acerca da urbanidade.

Esta exposição traz-nos, assim, até ao mundo de imagens construído pelo Miguel Refresco.

Um mundo que está intimamente ligado ao tempo do artista, pois não é possível fotografar o que já foi ou o que será. Sem o pretensiosismo da narrativa, esse passa também a ser o nosso tempo.

Susana Rodrigues  
Curadora da exposição